



## UMA TRAVESSIA NA TRADUÇÃO AMERICANA

Mestranda: Suellen Cordovil da Silva<sup>1</sup>

(UFPA)

Orientador: Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda<sup>2</sup>

(UFPA)

340

*Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa.*<sup>3</sup>

(Guimarães Rosa)

### RESUMO

Neste artigo analisa-se a tradução americana com os trechos em comparação com a obra original. O projeto poético de Guimarães Rosa proposto em suas cartas para os tradutores. Com isso, apresenta-se uma biografia breve sobre os tradutores da obra americana no caso Harriet de Onís e James Taylor como foram seus projetos tradutórios. Nesse caso, procura-se estudar o motivo do título da tradução *The devil to pay in the backlands*, que distorce em um todo do título do original. Em consonância engaja-se em com as fundamentações teóricas em alguns trechos da tradução americana de *Grande sertão: veredas*, juntamente com as recepções críticas da tradução entre os pesquisadores estão, por exemplo, Krauser<sup>4</sup> e Armstrong<sup>5</sup>.

**Palavras chave:** Guimarães Rosa. Recepção. Tradução. *Grande sertão: veredas*. *The devil to pay in the backlands*.

### ABSTRACT

This paper analyzes the American translation with passages compared with the original work. The poetic project proposed by Guimarães Rosa in his letters to the translators. We present a brief biography of the translators of the American work, if Harriet de Onís and James Taylor how was his projects in the translation. In this case, we try to study the reason for the title of the translation *The devil to pay in the Backlands* that distorts a whole in the document title. In line engages in with the theoretical predictions in some sections of the American translation of *Grande sertão: veredas*, along with the critical reception of

<sup>1</sup> Endereço Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4401632H7>, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, e-mail: [sue\\_ellen11@yahoo.com.br](mailto:sue_ellen11@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Endereço Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4702302Y1>, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, e-mail: [eellip@hotmail.com](mailto:eellip@hotmail.com)

<sup>3</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. p. 530

<sup>4</sup> KRAUSE, James Remington. *Translation and the reception and influence of latin american literature in the United States*. Dissertation Submitted to the Faculty of the Graduate School of Vanderbilt University in partial fulfillment of the requirements for the degree of doctor of philosophy in Spanish and Portuguese. December, 2010. 275 p.

<sup>5</sup> ARMSTRONG, Piers. Guimarães Rosa in translation: scrittore, editore, traduttore, traditore. *Luso-Brazilian Review*. Madison, v. 38, n. 1, p. 63-87, summer 2001.



translation among researchers are, for example, Krauser and Armstrong.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Reception. Translation. *Grande sertão: veredas. The devil to pay in the Backlands.*

### 1. O projeto poético rosiano

Para compreender a recepção crítica americana desta tradução de *Grande sertão: vereda* observa-se outras *travessias* anteriores dos processos recepcionais hermenêuticos apresentados inclusive no próximo capítulo decorrente das leituras críticas das versões publicadas nos periódicos da época. Nestas primeiras *travessias*, ou seja, percursos trilhados pelos tradutores ao longo do ato tradutório, e seus resultados compõe aberturas para uma análise comparatistas entre alguns trechos das obras, para visualização das escolhas tradutórias não com objetivos estruturalistas, porém com outro olhar de vislumbrar um transpor do sistema saussuriano, como bem estudado por Hermans<sup>6</sup>, Martins<sup>7</sup>, Lefevere e Susan Bassnett<sup>8</sup>, garantindo uma reescritura das obras literárias.

Como esta artigo em seu primeiro capítulo propôs trazer uma compreensão breve quanto à estética da recepção e os estudos da tradução e suas relações entre o leitor e o tradutor, que neste segundo capítulo propõe-se ampliar o contexto da ficção rosiana, além de notar este movimento de passagem para o outro lado da margem, como afirma Lages<sup>9</sup>.

Então, Guimarães Rosa mencionava que a tradução para o inglês de *Grande sertão: veredas* não deveria ser um “lugar-comum”, e que os tradutores teriam a tarefa de recriar a linguagem, não de forma banal, e com essas trocas de correspondências entre o autor e tradutor. Com isso, entende-se a tradução como uma ferramenta em que cria diálogos entre culturas, dispostos a criar espaços entre culturas. As cartas serviram como ponte para essa negociação, encontrado, por exemplo, nas cartas entre Harriet de Onís e Guimarães Rosa

<sup>6</sup> HERMANS, Theo. *Translation Studies and a New Paradigm*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

<sup>7</sup> MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. *As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para teoria da tradução*. Cadernos de Letras (UFRJ) n. 27, dez. 2010. Acessado em: [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf)

<sup>8</sup> BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Orgs). *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1992. 182 p.

<sup>9</sup> LAGES, Susana Kampff. *Depois de Babel: Guimarães Rosa e a tradução (Depoimento de Guimarães Rosa a Mary Lou Daniel)*. *Nonada*, Porto Alegre, n. 10, p. 157-166, 2007.



que escrevem os impasses e possibilidades na tradução. Sobre isso, o tradutor Britto, em seu livro sobre a tradução literária e seus impasses, afirma:

Traduzir, pois, não é uma ciência exata, mas uma atividade pragmática. Original e tradução, tradução e adaptação — não podemos abrir mão de tais distinções, ainda que tenhamos consciência das zonas cinzentas que há entre uma e outra categoria.<sup>10</sup>

342

Então, as zonas cinzentas seriam o inatingível pelo tradutor literário, pois é uma tarefa de recriar o original para uma obra estrangeira, dentro das impossibilidades de realizar algo perfeito. Dessa maneira, Lages em seu artigo *Depois de Babel: Guimarães Rosa e a tradução* (2007) a autora considera que:

Particularmente sensível à forma com que elementos culturais penetram na(s) língua(s), Rosa propunha uma compreensão do Brasil e da literatura brasileira que passasse por uma dupla determinação: pela reflexão crítica sobre a língua vernácula, o português do Brasil, e pelo o espelho do outro, do estrangeiro ('Eu gosto muito de estrangeiro' é uma frase que Rosa coloca na boca de Riobaldo quando introduz o personagem do viajante alemão Wupes).<sup>11</sup>

Com isso, se torna indispensável conhecer os estudiosos da tradução que defendem diversos modos de defesas quanto a tradução, já se apresenta aqui no capítulo anterior o tradutor da Vulgata São Jerônimo (347-420 d. C.) que participou dos questionamentos em relação ao que é literal, voltada para os textos sagrados. E, no decorrer do tempo com as afirmações românticas quanto de língua original e intraduzível, os estudiosos da tradução, Batalha & Jr. Pontes consideram Octavio Paz e Jacques Derrida, por exemplo, neste último sobre o texto em francês intitulado *Des tours de Babel* traduzido no texto *Depois de Babel: Guimarães Rosa e a tradução* pela tradutora Junia Barreto em 2002 compreende que com a revelação de uma equivalência na comparação do original e traduzido, encontra-se uma concretização de uma diferença, e afirma que a tradução não é recepção, comunicação, nem representação, com isso dentro de uma confusão babélica existem os reconstrutores diante das estruturas abaladas, os tradutores.

<sup>10</sup> BRITTO, Paulo Henrique. *A tradução literária*. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 56.

<sup>11</sup> LAGES, Susana Kampff. *Depois de Babel: Guimarães Rosa e a tradução* (Depoimento de Guimarães Rosa a Mary Lou Daniel). *Nonada*, Porto Alegre, n. 10, 2007, p. 159-160.



E para Derrida “a tradução não buscaria dizer isto ou aquilo, a transportar tal ou tal conteúdo, a comunicar tal carga de sentido, mas remarcar a afinidade entre línguas, a exibir sua própria possibilidade.”<sup>12</sup>. Entretanto, o que já para Paul Ricœur em seu livro *Sobre a Tradução* (2012) afirma que a tradução não está avaliada somente na eliminação das diferenças entre as línguas ou pela espera messiânica de uma pura linguagem, e com isso, “E é esse desejo de acolher a palavra estrangeira no processo de transformação e de reconfiguração da própria língua que conduz ao dilema prático, cuja solução passa pela construção do comparável”<sup>13</sup>, e compreende-se que o intraduzível não é considerado um fracasso para a tradução, e inicialmente deve-se partir de um conhecimento cultural para se traduzir um determinado texto.

Com o entendimento de que traduzir oriunda na língua latina clássica de *traducere* que para Batalha & Pontes Jr. “[...] significa levar de um lugar para outro e *translatio*, (...) designava transplantação, transferência”<sup>14</sup>, além de propor mediante este processo uma travessia cultural para a teórica. Observa-se um passo de interpretação pessoal com esta travessia de compreensão do outro, ou seja, do texto original, e no que implica o trabalho dos tradutores entra-se em choque esta operação entre as línguas e os textos na questão cultural vinculada no ato tradutório.

E segundo Paul Ricœur “produzir semelhança implica identificar o mesmo no outro e o outro no mesmo”<sup>15</sup>. Ao pensar em cultura e tradução, nota-se outra questão em relação aos trabalhos de Guimarães Rosa para Gabriela Reinaldo<sup>16</sup> diante das afirmações de Haroldo de Campos sobre Guimarães Rosa:

O demo para Rosa não era uma metáfora, mas tinha um sentido concreto. Haroldo, agnóstico, compara a experiência de Rosa à de Mallarmé. O horror da página branca de Mallarmé é o demo de Guimarães Rosa, era algo com que ele dialeticamente se debatia para dar nascença ao texto.<sup>17</sup>

<sup>12</sup> DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 44.

<sup>13</sup> RICCEUR, Paul. *Sobre tradução*. Trad. Patrícia Levelle. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 11.

<sup>14</sup> BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR, Geraldo. *Tradução*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 10.

<sup>15</sup> RICCEUR, Paul. *Sobre tradução*. Trad. Patrícia Levelle. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 15.

<sup>16</sup> REINALDO, Gabriela. *Estômago de ostra* — notas sobre processos tradutores em Haroldo de Campos, Vilém Flusser e Guimarães Rosa. *Galáxia*, São Paulo, n. 19, jul. 2010. p. 263-273.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 270.



Com isso, nesta entrevista conhecida pela Gabriela Reinado neste trabalho descreve que Haroldo diz que Guimarães Rosa tem “estômago de ostra”, dessa maneira se debatia para dar uma plurissignificação, uma nova linguagem ao texto, uma nova travessia da linguagem para o texto, entretanto Haroldo de Campos critica que o conhecimento de Guimarães Rosa no panorama da literatura mundial é prejudicado pelas versões escritas de sua obra. Guimarães Rosa comenta sobre seu projeto em suas cartas para Onís e ele diz que a tradução deverá ser estranha ao leitor, e acrescenta que em suas obras em português procuravam “chocar” o leitor, como afirma Berman:

A teoria do próprio e do estrangeiro, da elevação ao estado de mistério (ao estado de estranheza, de compenetração do conhecido e do desconhecido) tal como expõe Novalis, remete a esse movimento de metamorfose, e não é incorreto dizer que as mais altas traduções são ‘míticas’ e ‘transformantes’.<sup>18</sup>

Neste contexto a atuação do ato tradutório está em relação com a transformação do texto para o leitor. Para Cardozo o leitor em seu ato de lê também reler, e dessa forma o tradutor que ler também interpreta e retraduz desde o princípio ou como chama *grau zero* dentro de uma compreensão relacional inicial, já que assim Novalis como Berman cita acima, as mais altas traduções são transformantes, e Cardozo traz à tona esta reflexão sobre a *poiesis* da relação, neste diálogo com os outros teóricos:

Já a transformação que tem lugar numa compreensão relacional da tradução, como a que instrui esta reflexão, não é acidente, não é o prejuízo da relação — seu desgaste ou sua inflação —, não é a prova de sua ineficiência, não é a razão de sua falência. Se há *poiesis* da relação, se há um trabalho, um esforço relacional, há necessariamente transformação. Nesse sentido, não estão dadas, como estanques e definidas, as relações entre texto original e texto traduzido, entre texto original e tradutor, entre texto traduzido e leitor. Na medida em que têm lugar como uma *poiesis*, como um esforço de relação, essas relações são, antes, relações em construção e, portanto, sempre em transformação.<sup>19</sup>

As relações entre os tradutores e o autor por meio das cartas, por exemplo, transmite um esforço de relação e negociação um percurso cheio de limitações, o que se propõe não

<sup>18</sup> BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 224-225.

<sup>19</sup> CARDOZO, Mauricio Mendonça. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. p.188.



sua ineficiência, mas uma transformação. Conforme se pode observar em trecho de uma de suas cartas endereçadas à tradutora Harriet de Onís, o movimento dentro do processo de tradução desemboca em um convite para o “não-comum” como escrito pelo autor Guimarães Rosa, logo, abaixo:

Deve ter notado que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente, com o português: chocar, ‘estranhar’ o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas; obrigá-lo a sentir a frase meio exótica, uma ‘novidade’ nas palavras, na sintaxe. Pode parecer *crazy* [sic] de minha parte, mas quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco de texto, como um animal bravo e vivo. O que eu gostaria era de falar tanto ao inconsciente quanto ao consciente.<sup>20</sup>

Observa-se que causar um “estranhamento” ao leitor é um dos alvos do autor em suas obras. Este talvez seja um dos motivos pelo qual o único romance de Guimarães Rosa continua em aberto para tradução, constituindo um desafio constante aos que desejam aventurar-se nas veredas dessa escritura. Não se visa a dar ênfase às trocas de cartas entre o autor Guimarães Rosa e os tradutores, porém elas foram elementos de relevância para o processo de criação da narração americana. Dessa forma, abordam-se alguns caminhos escolhidos explícitos entre elas que fizeram com que se houve uma reflexão entre os criadores da tradução, tão ansiosa na época pelos leitores americanos. Por isso, Cardozo (2012) sugere algumas perguntas para obras traduzidas pela primeira vez, e o que cria uma repercussão de interesse pela leitura da tradução pelos leitores por esse motivo também, então pergunta:

Diante disso, levantava-se a seguinte questão: como entender a noção de *primeira tradução*, no sentido tão correntemente empregado pela crítica ao referir-se à *primeira tradução* de uma obra para o português, especialmente no caso de traduções de clássicos *ainda inéditos* em nosso idioma, ou de clássicos traduzidos *pela primeira vez* de seu idioma original?<sup>21</sup>

<sup>20</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini T. João & Harriet (Notas sobre um diálogo intercultural) In: LEITE, Ligia Chiappini Moraes; VEJMEKA, Marcel (Orgs.). *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 76. Carta de João Guimarães Rosa a Harriet de Onís, 02 de maio de 1959.

<sup>21</sup> CARDOZO, Maurício Mendonça. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. p. 183.



Neste questionamento Cardozo compreende que a *percepção* é de suma importância, visto que já Jauss citava que o ato de *poíesis* desencadeava numa leitura perceptiva que, de fato, pode ocorrer simultaneamente com *aisthesis* e *katharsis*, e que em uma segunda leitura interpretativa sugere-se diversificadas perguntas e respostas oriundas do primeiro processo de recepção ou *percepção* ou grau zero como o primeiro estudioso afirma. E quando Cardozo afirma, em uma leitura inicial, que há evidências de uma *rede de relações* em que o texto descreve, conta-se com os horizontes de expectativa do leitor e tradutor diante da obra e o mundo.

Dessa forma, visa-se a notar a discussão da relação de negociação do autor e de seus tradutores, o que amplia uma negociação entre dimensões linguísticas, textuais e discursivas e “[...] as cartas sugerem uma dinâmica complexa de negociação do espaço de relação entre o autor e o tradutor”<sup>22</sup>, o que Schleiermacher e Herder que foram estudiosos para a compreensão da tradução do contexto romantismo alemão, e entendem que a tradução “[...] é uma prática humana que dispõe sujeitos, línguas, culturas e textos em relação”<sup>23</sup>. Estes diálogos entendem-se como perdas da obra no original, para que flua a transformação de certa maneira, assim, pensa-se negativamente deste ponto de vista, porém não seria esta intenção propriamente, não teria o alvo de prejudicar uma relação como afirma o estudioso:

Na economia mais corrente da tradução, a ideia de transformação é associada a certa negatividade da relação entre texto original e traduzido, uma diferença que se assina mais comumente como perda. Nem a constatação da inevitabilidade da transformação, nem mesmo a tão rara reversão positiva do valor atribuído a essa diferença, vista então como ganho, é capaz de redimir a transformação de sua carga de negatividade.<sup>24</sup>

Os textos em relação já apresentam em si mesmo relações, o que não declara o extremo, como, por exemplo, algo pronto ou espontâneo, porém em progresso e gradativo. Berman trata deste processo relacional fundamental de seus estudos quanto a tradução e

<sup>22</sup> *Idem*; FROTA, Maria. De amor e tradução: Guimarães Rosa nas relações com seus tradutores. *Tradução em Revista*, 2010, 102, p. 2.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 3.

<sup>24</sup> *Idem*. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. p. 187.



para o entendimento da ética da tradução, dessa forma cita que a tradução “é relação, ou não é nada”<sup>25</sup>, nisto vale-se a tradução em correspondência configurando-se uma imagem clara da prática da mesma num âmbito relacional entre o autor e tradutor, línguas e culturas. Além de ressaltar o leitor e o *outro* que se considera um valor dentro da relação de uma determinada tradução tem-se:

Se nesse caso pudéssemos pressupor um *grau zero* da relação com a obra em questão, talvez pudéssemos entender a *não-relação* como um *nada*, como, de fato, um *fora* da relação. Mas havendo um eu (leitor) e pressupondo-se um outro (a tal obra, o tal autor), qual seja, esse outro sempre passa a assumir algum valor, provavelmente um valor vago, genérico, corrente e que passa a ocupar esse vazio *poiético*, por mais que diga muito pouco respeito ao outro, de fato. E como até mesmo nessa *não-relação* o outro assume um valor para nós, como até mesmo nesse caso operamos com um valor do outro, por mais vago e genérico que seja, podemos dizer que também a *não-relação* acaba por constituir-se como uma forma de relação.<sup>26</sup>

Nas cartas a relação era sempre em inglês e para Harriet de Onís comentava o seu domínio restrito da língua portuguesa, enquanto Rosa declarava o inverso. Com isso, houve algumas contribuições de outros colaboradores. Escreviam de forma informal e as marcas vocativas eram constantemente utilizadas, como, por exemplo, *My dear Mr. Guimarães Rosa*, que logo se transforma em *Dear Mr. Guimarães Rosa* e continua dessa forma até sua última carta, exceto uma, em que ela se vale de um *Dear Friend*. Desta forma, observa-se uma unidade nesta relação “[...] o valor do outro-da-relação é um valor nosso, construído por nós –, é também ocasião para a transformação de nós mesmos.”<sup>27</sup>

Guimarães Rosa, em sua primeira carta, trata com um: *Mui prezada Senhora*, e depois de um longo tempo *Cara Senhora de Onís* e *Prezada Senhora de Onís*, o que também se pode observar uma aliança de amizade entre o autor e tradutora neste outro vocativo *Minha grande e muito Amiga* ou *Minha boa e grande amiga Mrs. de Onís*, até terminar na última carta em *Querida Mrs. de Onís*.

<sup>25</sup> BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 17.

<sup>26</sup> CARDOZO, Maurício Mendonça. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. p. 192.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 189.





No caso da correspondência com a tradutora americana, poderia-se ir perguntar o que indicaria o fato de que, ao longo de todo o período, a tradutora teria um padrão de variação da modalidade de tratamento menor do que o de Rosa, que, mesmo se mantendo num registro informal moderado, arriscaria vez ou outra, avançar um grau a mais na escala da intimidade, insistindo em referir-se a Harriet de Onís como *Amiga*?

É possível que esse padrão de variação seja sintomático de dois traços característicos da relação da tradutora com Rosa. Primeiro o de que Onís manifestava uma certa *teimosia*, recorrente, na maior parte dos casos de negociação de soluções de tradução, simplesmente ignorando muitos dos pedidos de Rosa. Este costumava insistir em alguns poucos pontos, mas fazia abertamente uma série de concessões, parecendo tolerar as toleimas da tradutora, sempre com a justificativa de que não era bom saber do idioma inglês. O segundo traço, o de que Onís deixa claro que se considerava uma *descobridora* de talentos e que Rosa teria sido uma de *suas* maiores descobertas.<sup>28</sup>

Nota-se que a tradutora passou por dificuldades e perguntava para o autor e este dizia que não compreendia o inglês para deixá-la mais contente, o que ele sempre destacava era que a tradutora possuía um desafio em suas mãos, para traduzi-lo. Então o outro neste caso, teria que ler e realizar uma releitura da tradução *Grande sertão: veredas* para que alcançasse o *não lugar* tão esperado pelo público leitor americano, ou seja, o *outro-da-relação*, então:

No contexto de uma relação, o outro, para nós, é sempre o *outro-da-relação*, valor que pode ou não ter a ver com o outro de fato, mas que também sabemos que, por mais hercúleo que seja nosso esforço relacional, nunca o compreenderá totalmente. Podemos entender esse *outro-da-relação* como um *valor do outro* na economia da relação: um valor com que já operamos mesmo antes de uma *poiesis* ter lugar, um valor que atualizamos a cada novo acontecer *poiético* da relação e que, portanto, estará sempre em transformação enquanto houver *esforço relacional, trabalho de relação, poiesis*.<sup>29</sup>

A relação não está indicada em algo separado como se entende pelo *entre*, mas, sim se deixa ser um limiar para descrever-se como um ponto em si “um domínio”, o que não

<sup>28</sup> CARDOZO, Maurício Mendonça; FROTA, Maria Frota. De amor e tradução: Guimarães Rosa nas relações com seus tradutores. *Tradução em Revista*, 2010, 102, p.11-12.

<sup>29</sup> *Idem*. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. p. 190.



propõe uma terceira relação que, por exemplo, se definiria como hibridismo e mestiçagem, e que traria a possibilidade de discussão do puro e original. Com isso, Cardozo<sup>30</sup> considera que se pode entender a tradução como transformação, pois,

Seja como for, uma primeira tradução de determinada obra inscreve sua *poiesis* relacional sempre nessa rede de relações, opera sobre ela sua construção, reitera e reelabora valores correntes e, nesses termos, transforma essa mesma rede de relações.<sup>31</sup>

349

Nesta rede de relações possibilita uma crítica literária da tradução já que estará sempre em transformação com a reconstrução de novo acontecer poético, em uma constante e progressiva compreensão de valores com as descobertas interpretativas em um trabalho de relacional como bem afirma Berman que para toda tradução há uma relação, ou não é nada.

## 2. Os tradutores e seus projetos de tradução: Harriet de Onís e James L. Taylor

Harriet de Onís<sup>32</sup> começou em 1959 a traduzir a obra de Guimarães Rosa. Harriet de Onís (1899-1968) foi tradutora de outros autores brasileiros, entre os quais: Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Mário de Andrade e José Lins do Rego. Em uma visita ao seu filho no Brasil no ano de 1958, Harriet de Onís teve conhecimento da obra *Grande sertão: veredas*, com isso, ela começou escrever cartas para o autor, desde 19 de novembro de 1958 a 25 de outubro de 1966, num total de 128 cartas.

Harriet de Onís iniciou a tradução da obra e revisou a edição final, enquanto James Lumpkin Taylor (1892-1982), professor da Universidade da Califórnia em Stanford, até fins de 1962, complementou a tradução americana, de acordo com os estudos de

<sup>30</sup> CARDOZO, Maurício Mendonça. Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012.

<sup>31</sup> *Idem, Ibidem*, p. 189.

<sup>32</sup> A tradutora nasceu em Wishnieff em Nova York, e filha de judeus russos que cresceu na área rural de *Illinois* depois retornou para a cidade de Nova York e estudou na faculdade de *Barnard women's college*. Ela aprendeu a língua espanhola depois da Primeira Guerra Mundial quando ela trabalhava como uma importadora de livros em espanhol e português. O esposo de Harriet era Espanhol, Federico de Onís, e foi um acadêmico da universidade da Espanha na Columbia University, que encorajou ela a se tornar uma tradutora de prestígio e passou a disseminar a literatura latina americana nos Estados Unidos. MUNDAY, Jeremy. *The Relations of Style and Ideology in Translation: A case study of Harriet de Onís*. Actas del III Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Barcelona 22-24 de marzo de 2007. Barcelona: PPU. n. 1, 2008, p.57-68. p. 11.



Verlangieri<sup>33</sup> e Andrade<sup>34</sup>. Como já foi mencionado na introdução desta artigo que Harriet não estava sozinha neste processo de transpor a obra literária do Português para o Inglês, e depois de passar por alguns problemas de saúde, Harriet de Onís obteve um apoio da colaboradora Nina F. Oliver que era professora de Inglês e que morava no Rio de Janeiro, indicado por Guimarães Rosa. Somente em 1963, ano em que foi publicada a primeira edição de *The devil to pay in the backlands*, nos Estados Unidos, em Nova Iorque, e, em Toronto, no Canadá, pela editora, Alfred A. Knopf. O título da obra poderia ter causado um estranhamento pelos leitores, no entanto, na época supõe-se que não foi muito bem recebida pelos americanos.

João Guimarães Rosa também foi traduzido: *Sagarana* (1946) por Harriet de Onís em 1958 depois sua obra *Primeiras estórias* (1962) foram traduzidas por Bárbara Shelby cujo título foi *The Third Bank of the River and Other Stories* em 1968. Jorge Amado também teve algumas de suas obras traduzidas, entre elas: *Gabriela Cravo e Canela* (1958) que recebeu o título de *Gabriela, Clove and Cinnamon*, traduzida por James L. Taylor e William L. Grossman e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) cuja tradução ficou *Dona Flor and her two Husbands; A moral an Amorous Tale* traduzida por Harriet de Onís.

Propõe-se, aqui, na artigo, tecer alguns comentários quanto algumas escolhas dos tradutores dentro desta rede de relações. Dessa forma, todo tradutor convive com o *Outro* numa tensão pelo processo de possibilidade pela aproximação de interpretações e impossibilidade pelo afastamento da mesma, com um alvo consciente de que o ato tradutório nunca está terminado. Krause, em sua artigo *Translation and the reception and influence of Latin American Literature in the United States* (2010), trata que a edição americana simplifica o original, por meio de alguns trechos marcados, além de considerar que Guimarães Rosa foi um dos melhores romancistas das Américas que infelizmente não foi conhecido nos Estados Unidos pela tradução.

<sup>33</sup> VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. *João Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís. Parte I*. Araraquara, 1993. 357 p. Artigo de Mestrado em Letras, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade do Estado de São Paulo.

<sup>34</sup> ANDRADE, Mirna Soares. *A recepção de Guimarães Rosa nos EUA: Processo tradutório e contexto cultural em foco*. Acesso em 07/11/2011: < [http://www.celarg.org/int/arch\\_public/andrade,\\_mirna.pdf](http://www.celarg.org/int/arch_public/andrade,_mirna.pdf) > 2009. 13 p.



O motivo dessa afirmação pode-se desenrolar pelas afirmações de Venuti<sup>35</sup> que comenta quanto à relação da tradução corrente fluida, que considera domesticadora encobre as outras relações como a cultural, econômica e política, dentro da visão que Venuti no país Estados Unidos que vivencia na prática estas relações. Então, a “ética da diferença” sugerida como uma atuação da voz destas culturas dependentes quer seja colônias ou pós-colônias.

Para o entendimento da prática domesticadora da fluência “seria um modo de resistir ao hegemônico e marcar uma posição política de resistência ao estrangeiro”<sup>36</sup>. Diante desta proposta, nota-se que a descrição de Armstrong<sup>37</sup> nestes processos de tradução das obras de Guimarães Rosa menciona:

[...] O que se perdeu, um pouco, como era inevitável, em originalidade agressiva de expressão, foi de sobra compensado por uma muito maior fluidez, fluência, transparência e velocidade.<sup>38</sup>

Com este comentário do autor diante do original, verificam-se no próximo tópico algumas escolhas do ato tradutório com o autor dentro do processo de negociação com as cartas que ajudaram a entender as críticas tecidas pelos leitores. No artigo de Charles Perrone com o título “A obra rosiana na América do Norte: tradução, recepção, crítica e ensino” (2000) reafirma que houve uma prolongada e minuciosa correspondência de Guimarães Rosa com os tradutores e principalmente com Harriet de Onís, e admite que:

As versões em inglês não fizeram sucesso editorial, e isto tem sido atribuído à baixa qualidade das traduções. Por muito que estas sejam problemáticas, porém, os livros receberam especial apoio do editor e as resenhas foram positivas.<sup>39</sup>

Além disso, para Perrone nesse artigo devido os fatores mercadológicos contaram

<sup>35</sup> VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. New York: Routledge, 2000. 368 p.

<sup>36</sup> RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução & Comunicação. *Revista Brasileira de tradutores*. São Paulo, n. 17, 2008. p. 23.

<sup>37</sup> ARMSTRONG, Piers. Guimarães Rosa in translation: scrittore, editore, traduttore, traditore. *Luso-Brazilian Review*. Madison, v. 38, n. 1, p. 63-87, summer 2001.

<sup>38</sup> Trecho da carta de Guimarães para Harriet, em 7 de maio de 1963. Rio de Janeiro. Código: JGR –CT - 03, 48.

<sup>39</sup> PERRONE, Charles A. A obra roseana na América do Norte: tradução, recepção, crítica e ensino. In: DUARTE, Lélia Parreira *et alii* (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 132-136.



para que se ampliasse a fortuna crítica do autor Guimarães Rosa nos EUA, porém a crítica deveu-se diante dos originais do autor e sua relevância no *boom* da narrativa hispano-americana. Observar-se-á, no terceiro capítulo estas resenhas e consideradas superficiais para Perrone, mas de relevância para uma crítica imediata da tradução americana de *Grande sertão: veredas* na década de 60.

Embora a crítica persista de outros ângulos abordarão estas respostas depois de uma leitura da tradução, neste capítulo, e sua comparação com o original, diante dos processos de negociação como mencionado por Cardozo<sup>40</sup>, anteriormente, por meio das cartas para que o projeto rosiano acompanha-se um alvo de estranhamento para o leitor. Pois, propõe-se, aqui, este desafio em não apenas criticar a tradução do modo como Perrone<sup>41</sup> afirma a seguir:

Mas quase todos os que criticam a tradução de **Grande sertão: veredas** não explicam como a consertariam, conforme Armstrong, que termina por questionar, em vista da intensa promoção da editora e das resenhas, a responsabilidade da má tradução nas vendas frias.<sup>42</sup>

Porém, dedica-se conhecer, sim, os mais diversos procedimentos de recepção da tradução da época e suas repercussões que se desencadeiam na contemporaneidade. Então, Guimarães Rosa que gostaria de poder contribuir para que houvesse uma tradução de grande circulação nos EUA, enfrentava problemas de acordo com Perrone, pois:

O mesmo mostra que João Guimarães Rosa nem sempre ajudava a tradutora com sugestões — certa correspondência indicando ele não intuir boas opções em inglês — e opina que influi na reação do público leitor o fato de JGR ser um autor individualista e não essencialista (i.e. dando uma definição formulaica de identidade nacional)<sup>43</sup>

Então, nota-se que Guimarães Rosa passou por alguns problemas com as escolhas tradutórias juntamente com os tradutores, e tentou ajudar, porém, não foram bem sucedidas as propostas de Guimarães pelos tradutores da tradução americana e rendeu algumas notas

<sup>40</sup> CARDOZO, Maurício Mendonça; FROTA, Maria Frota. De amor e tradução: Guimarães Rosa nas relações com seus tradutores. *Tradução em Revista*, 2010, 102, p.11-12.

<sup>41</sup> PERRONE, Charles A. A obra roseana na América do Norte: tradução, recepção, crítica e ensino. In: DUARTE, Lélia Parreira *et alii* (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 132-136.

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*. p. 133.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*. p. 133.



para eles, as quais Guimarães Rosa reenviou para o tradutor alemão Curt Meyer-Clason, visando a contribuir nas futuras escolhas para a tradução alemã, dessa forma como o tradutor Paulo Henrique Britto<sup>44</sup> comentou em seu livro *A tradução literária*, sobre os estudos de Venuti que o tradutor deve pôr-se visível diante da tradução e dos leitores da mesma, implantando nas traduções algumas passagens que sejam estranhas para o leitor, já que anteriormente tinha-se uma visão que o tradutor deveria apenas ocasionar um meio de acesso para um original sendo quase de certa forma invisível.

Venuti se ampara em Berman em relação à defesa do ato tradutório que valorize e retome os pontos da cultura do texto de partida, pois para Berman o modo etnocêntrico domestica o texto estrangeiro para que a língua meta esteja em vantagens culturais. Então, que estas passagens ou *travessias* tragam uma nova reescritura sobre a tradução por meio deste processo tradutório apontando já para o seguinte tópico.

### 3. *The devil to pay in the backlands*

Dentre as escolhas destaca-se a decisão de diferenciadora do título o que causou um estranhamento inicial por parte de todos os leitores, além de trazer uma peculiaridade marcada nas cartas localizadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) em São Paulo, enunciadas ao longo da artigo. Nisto tem-se a preocupação da escolha do título da narração mediante as cartas, por exemplo, inicia-se a leitura pela tradutora em um momento curto, e ressalta que devido a problemas pessoais, não teve tempo para ler o trabalho de Guimarães Rosa como deveria:

Mr. Weinstock me enviou seus outros livros, *Corpo de baile e Grande sertão*, que eu espero dar a volta a ler em breve. Eu não tenho tanto tempo para ler como eu gostaria, pois estou trabalhando em tradução do espanhol que é devido em 31 de dezembro.<sup>45</sup>

Depois de dois meses Guimarães Rosa sugere alguns títulos para Harriet de Onís.

<sup>44</sup> BRITTO, Paulo Henrique. *A tradução literária*. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.160 p.

<sup>45</sup> “Mr. Weinstock has sent me your others books, *Corpo de baile* and *Grande sertão*, which I hope to get around to reading soon. I do not have as much time for reading as I should like, as I am working on translation from the Spanish which is due on December 31.” Trecho da carta de Harriet para Guimarães, em 19 de Novembro de 1958. Código: JGR –CT -03, 38.



Com o tempo observa-se que a relação de tradutor e autor tentaram regular a relação do sistema literário por meio das cartas, e junto com a sociedade e a cultura, como já dito por Lefevere em seu livro *Translation/ History and Culture* (1992) existe instituições estabelecidas para ocasionar este vínculo de patronagem independente da escrita da literatura ao menos sua circulação, por exemplo, se enquadra aqui a editora Knopf, o que revela sua motivação para algo *bravio* que causou de maneira sutil um toque para que a tradutora refletisse que maneira a executar uma escolha semelhante, porém com uma justificativa na sequência:

Não se ria de mim, de repente, estou achando “flojo” aquele nosso título “O rio e terras altas”. Penso que talvez possamos encontrar outro — mais nervoso, enérgico e sugestivo, dando já de si ideia do rugir do livro: do tempestuoso, oceânico, violento, desmesurado, que ele ambiciona ser. Algo bravo, bravio, bravo. Quem sabe? Que me diz? Assim, qualquer coisa, por exemplo, nesta ordem:

VENTO, DIABO E RIOS: terras altas

BOM DIABO NO REDEMOINHO: terras altas

ENTRE O GRANDE DIABO E O RIO: terras altas

Isto, porém só para sugerir uma vaga ideia.<sup>46</sup>

A tradutora propõe outros títulos de uma forma reflexiva e se confirma que a negociação de um “tradutor é, antes, confrontada a uma multiplicidade de formas métricas estrangeiras que ele visa a introduzir em sua língua materna para ampliá-la poeticamente.”<sup>47</sup> E neste caso, nas sugestões de Guimarães Rosa para Harriet de Onís, observam-se três exemplos o primeiro *Wind, devil and rivers: uplands* que provavelmente teria a ideia de *Vento, diabo e rios: terras altas*, e a palavra *uplands* é outra palavra composta com o prefixo *up* e o substantivo *land* dessa maneira escolhe-se por *terras altas*, ou seja, *planaltos*.

<sup>46</sup> “Não se ria de mim, de repente, estou achando “flojo” aquele nosso título “The river and the Uplands”. Penso que talvez possamos encontrar outro — mais nervoso, enérgico e sugestivo, dando já de si ideia do rugir do livro: do tempestuoso, oceânico, violento, desmesurado, que ele ambiciona ser. Algo bravo, bravio, bravo. Quem sabe? Que me diz? Assim, qualquer coisa, por exemplo, nesta ordem:

WIND, DEVIL AND RIVERS: UPLANDS

GREAT DEVIL IN THE WHIRLWIND: UPLANDS

BEYOND THE BIG DEVIL AND RIVER: UPLANDS

Isto, porém só para sugerir uma vaga ideia.” Trecho da carta de Guimarães para Harriet, em 15 de janeiro de 1962. No Rio de Janeiro. Código: JGR- CT-03, 39.

<sup>47</sup> BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 239.



Na segunda sugestão do autor para Harriet de Onís tem-se *Great devil in the whirlwind: uplands*, em sua tradução literal *Bom diabo no redemoinho: terras altas*, por fim a terceira sugestão em inglês *Beyond the big devil and river: uplands* e em português *Entre o grande diabo e o rio: terras altas* e constata-se que em todas as sugestões está a palavra *uplands* o que deixou a tradutora refletir mais uma vez sobre o título, o que esclarece a tradutora de Onís que esta tradução é “nosso livro” ou “our book” não para impor suas ideias:

Concordo plenamente com você que devemos tentar encontrar um emocionante título para o "nosso" livro. Eu não tenho batido em nada que me bastante satisfaça. O DIABO NAS TERRAS ALTAS? O DIABO EXISTE? O DIABO NO REDEMOINHO? Vou continuar pensando sobre isso, e consultar as pessoas em Knopf.<sup>48</sup>

No entanto, chega a um momento que entra em acordo com o dono da editora e escolhe o título *The devil to pay in the backlands*<sup>49</sup> para indicar uma abrangência, ao acrescentar uma palavra composta novamente *backlands*<sup>50</sup>, pois se escolhesse *The devil to pay*<sup>51</sup> iria denunciar imediatamente um pacto com o diabo, como se verifica neste trecho da carta de Harriet de Onís para Guimarães Rosa sobre a escolha to título:

Eu já tinha lido o livro, como o Sr. Knopf me enviou uma cópia que tinha recebido perguntando me pedindo para informar sobre ele. Parecem-me muito bem, pois eles contêm a essência de seus vários temas, e seu estilo concentrado aos seus fundamentos. No entanto, eu disse a ele que eu pensei que o livro que deve seguir O DIABO PARA PAGAR NO SERTÃO (Espero que você goste do título finalmente decidido, não é uma boa ambiguidade na frase "O diabo para pagar", que transmite a ideia do pacto) é Sagarana e Corpo de baile. Eu sinto que eles serão uma

<sup>48</sup> “I quite agree with you that we should try to find a more exciting title for “our” book. I have not yet hit on anything that quite satisfied me. THE DEVIL IN THE UPLANDS? DOES THE DEVIL EXIST? THE DEVIL IN THE WHIRLWIND? I’ll keep thinking about it, and consult with the people at knops” Trecho da carta de Harriet para Guimarães, 19 de fevereiro de 1962. Código: JGR – CT- 03, 40.

<sup>49</sup> O título *The devil to pay in the backlands* em sua tradução literal ficaria O diabo para pagar no sertão, pois *backlands* sugere uma demarcação por traz das terras, então, supõe-se que seja sertão, como se verifica nos dicionários pesquisados nesta artigo.

<sup>50</sup> União do prefixo *back* com o substantivo *lands*, o que descarta a possibilidade de utilizar a palavra *uplands* no título.

<sup>51</sup> No dicionário de expressões idiomáticas da língua inglesa de Schambil (2011) encontra-se “**There will be the devil (ou hell) to pay**- vai haver o diabo, vai ser um inferno; as consequências vão ser funestas.” Exemplos: “-*If we continue wasting our natural resources, there’ll be the devil to pay in the future.* – *There will be hell to pay when your sister finds out that you have eaten all her chocolates*” SCHAMBIL, Maria Helena. *Dicionário de expressões idiomáticas da lingual inglesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. p. 115.





melhor ligação ao Grande sertão. Espero que você concorde comigo. Presumo que o Sr. Knopf lhe disse que Jorge Amado escreveu um esplêndido breve prefácio ao livro<sup>52</sup>

Diante destas afirmações nesta carta continua implicitamente uma sugestão do pacto para o leitor, mesmo que se acrescente *in the backlands* no título, embora relacione um novo horizonte para o leitor, e para compreender melhor o título desta tradução de *Grande sertão: veredas* observa-se o sentido da palavra *devil* para o dicionário Webster<sup>53</sup> o qual conceitua como:

*n.* o espírito do mal, Satanás, um anjo caído, um anjo caído, um falso deus ou demônio, uma pessoa muito mau, um sujeito arrojado negrito, um espírito maligno em uma pessoa, um aprendiz de impressora, uma máquina de trapos divisão ou de algodão em papel de decisão; *v.t.* para temporada muito com pimenta caiena frio carne cozida e depois fritá-lo, preparar o trabalho para outro; rasgar em uma máquina.<sup>54</sup>

Além disso, tem-se a palavra *to pay* “*v.t.* [*p.t.* & *p.p.* pago, *p. pr.* pagar], para pagar uma dívida de, dá na equivalente para, compensar, recompensar; cumprir; borrão com alcatrão, breu, & c.; *n.* Dinheiro dado para o serviço prestado”<sup>55</sup> com a palavra *Backlands* considerada composta, pois para compreender-se o título da tradução de acordo com o dicionário Webster<sup>56</sup> *back* traz um sentido de:

A dificultar parte do corpo no homem ou em outros animais, a parte superior: toda a região da coluna vertebral, que se estende desde a base do pescoço até as nádegas, a região dorsal de um peixe, o que se opõe à parte

<sup>52</sup> “I had already read the book, as Mr. Knopf sent me a copy he had received asking me to report on it. They seem to me very fine; they contain the essence of your multiple themes, and your style pared down concentrated to its essentials. However, I told him that I thought the book that should follow THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS (I hope you like the title we finally decided on; there is a nice ambiguity in the phrase “The devil to pay” which conveys the idea of pact) is Sagarana, and then Corpo de baile. I feel that they will be a better link to Grande sertão. I hope you agree with me. I presume Mr. Knopf has told you that Jorge Amado wrote a splendid brief preface to the book” Trecho da carta de Harriet de Onís para Guimarães, em 19 de novembro de 1962. Código: JGR - CT- 03, 41.

<sup>53</sup> WEBSTER, Noah. *Webster’s dictionary*. New York: Syndicate Publish Company, 1911. 1196 p.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, p. 155.

“*n.* the Evil Spirit, Satan; a fallen Angel; a fallen angel; a false god or demon; a very wicked person; a bold dashing fellow; a malicious spirit in a person; a printer’s apprentice; a machine for dividing rags or cotton in paper-making; *v.t.* to season highly with cayenne pepper cold cooked meat and then to fry it; prepare work for another; tear up in a machine.”

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p. 352. “*v.t.* [*p.t.* & *p.p.* paid, *p. pr.* paying], to discharge a debt to; give an equivalent for; compensate; reward; fulfill; smear with tar, pitch, &c.; *n.* Money given for service rendered.”

<sup>56</sup> WEBSTER, Noah. *Webster’s dictionary*. New York: Syndicate Publish Company, 1911. 1196 p.



dianteira; a parte traseira ou dificultar parte de qualquer coisa, a parte de ferramenta ou arma contra a borda; *adj.* mentindo ou estar por trás ou na parte traseira, quanto ao tempo, situação ou direção, em uma direção para trás; *adv.* Ou em direção à traseira, ou em direção há tempos passados, não avançando, em estado de impedimento ou restrição, em afastamento ou aposentadoria; longe e, em contrapartida, mais uma vez: *v.t.* fornecer com as costas ou apoio; subir à volta do monte, em segundo lugar, ou de apoio; apostar ou apostar; assinar ou endossar coloque para trás ou para causar a recuar: *vi mover* ou ir para trás.<sup>57</sup>

E como a palavra *Backlands*, por meio da interpretação de *back* por algo que está atrás ou está sendo atrás de um tempo, de uma situação ou de alguma coisa, se supõe que seja esta a ideia mais coerente com a escolha da tradução diante dos demais sentidos propostos pelo dicionário de Noah Webster e até mesmo em sua segunda edição de 1971 traz o sentido de:

a.1.na parte traseira, atrás; oposta à parte da frente. 2. remoto no local ou condição, como, um distrito de volta. 3. em uma direção para trás, retornando; revertida, como, de volta a ação, de volta é claro. 4. ou por um tempo, no passado, como, de volta do trabalho, as edições anteriores de papel. 5. em fonética, feitas na parte posterior da boca, velar; gutural. Página de volta, na impressão, a página esquerda de um livro, um verso.<sup>58</sup>

E *land* sem o sufixo *s* indicativo de plural na palavra *Backlands* para o Webster<sup>59</sup> tem o sentido de “*n.* a parte sólida da superfície do globo, a terra, um país ou distrito; imóveis; *v.t.* para definir em terra; vitória: *v.i.* para ir e vir em terra; desembarcar”<sup>60</sup>. Desse modo, Carvalho<sup>61</sup> compreende a importância de leitores serem orientados pela recepção crítica,

<sup>57</sup> *Idem, Ibidem*, p. 57. “The hinder part of the body in man, or in other animals the upper portion: the whole region of the spine, extending from the base of the neck to the buttocks; the dorsal region of a fish; that which is opposed to the front; the rear or hinder part of anything; the part of tool or weapon opposed to the edge; *adj.* lying or being behind or in the rear, as to time, situation, or direction; in a backward direction; *adv.* Into or toward the rear; to or toward times past; not advancing; in a state of hindrance or restraint; in withdrawal or retirement; away; in return; again: *v.t.* to furnish with a back or backing; get upon the back of mount; second or support; bet or wager; sign or indorse; put backward or cause to recede: *v.i.* to move or go backward.”

<sup>58</sup> WEBSTER, Noah. *Webster’s new twentieth century dictionary of English language*. 2.ed. The world publishing company: Cleveland and New York, 1971. p. 139. “*a.* 1. At the rear; behind; opposite to the front. 2. Remote in place or condition; as, a *back* district. 3. in a backward direction; returning; reversed; as, back action, *back* course. 4. of or for a time in the past; as, back work, the back issues of a paper. 5. in phonetics, made at the rear of the mouth; velar; guttural. *Back* page; in printing, the left-hand page of a book; a verso.”

<sup>59</sup> WEBSTER, Noah. *Webster’s dictionary*. New York: Syndicate Publish Company, 1911. 1196 p.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, p. 234. “*n.* the solid portion of the surface of the globe; the earth; a country or district; real estate; *v.t.* to set on shore; win: *v.i.* to come or go on shore; disembark.”

<sup>61</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 45. ed. São Paulo: Ática, 2001. 89 p.



ocorrida, neste caso, imediatamente a publicação da tradução, autora afirma que a tradução:

[...] de um texto raramente é independente do sistema que está destinado a acolhê-la e, por isso, uma tradução ‘dinâmica’ (quer dizer, que se constitui em fator de troca cultural, de contínua e mútua fecundação) é aquela que integra o texto traduzido na tradição do sistema que o acolhe.  
62

Então, *The devil to pay* é uma expressão que menciona um problema iminente ou outras conseqüências ruins depois de suas ações que além disso para o almirante William Henry Smyth define o termo *devil* em *The Sailor's Word-book: An Alphabetical Digest of Nautical Terms* (1867) como a “Uma espécie de escorvamento feito pelo amortecimento e nódoas negras de pólvora”<sup>63</sup>. Neste contexto literário em *Grande sertão: veredas* com o título *The devil to pay in the backlands* observa-se que não transparece uma expressão de origem náutica depois de visto este parametro significativo, por fim o título americano propõe uma sugestão de o diabo ressoará o inferno e suas estratégias funestas por tras das terras chamadas de sertões.

A linguagem nas obras de Guimarães Rosa é considerada poética pelo crítico Benedito Nunes, que afirma sob a fidelidade do espírito do original que deve está presente sutilmente nas traduções, conhecendo que *Grande sertão: veredas* apresenta poeticidade por meio da linguagem como cita: “A simples reconstituição da narrativa não basta para assegurar a fidelidade na tradução de textos que, como os de Guimarães Rosa, são fundamentalmente poéticos.”<sup>64</sup>, sugerem-se algumas possibilidades para estas futuras traduções com estas reflexões em relação às traduções.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mirna Soares. *A recepção de Guimarães Rosa nos EUA: Processo tradutório e contexto cultural em foco*. Acesso em 07/11/2011: < [http://www.celarg.org/int/arch\\_public/andrade,\\_mirna.pdf](http://www.celarg.org/int/arch_public/andrade,_mirna.pdf) > 2009. 13p.

ASSEF, Marlova. *A tradução e seus discursos*. Revista ALEA, v. 2, Julho-dezembro, 2009.

<sup>62</sup> *Idem, ibidem*, p. 71.

<sup>63</sup> SMYTH, Admiral W. H. *The Sailor's Word-book: An Alphabetical Digest of Nautical Terms*. London: Blackie and Son, Parternoster Row; and Glasgow and Edinburgh, 1867. p. 245. “A sort of priming made by damping and bruising gunpowder”

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p. 197.



p. 347-348.

ARMSTRONG, Piers. Guimarães Rosa in translation: scrittore, editore, traduttore, traditore. *Luso-Brazilian Review*. Madison, v. 38, n. 1, p. 63-87, summer 2001.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Orgs). *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1992. 182 p.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002. 350 p.

BRITTO, Paulo Henrique. *A tradução literária*. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 160 p.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 45. ed. São Paulo: Ática, 2001. 89 p.

CARDOZO, Maurício Mendonça; FROTA, Maria Frota. De amor e tradução: Guimarães Rosa nas relações com seus tradutores. *Tradução em Revista*, 2010, 102, p.11-12.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. *Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e crítica da relação tradutória*. Revista Letras, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012.

LAGES, Susana Kampff. Depois de Babel: Guimarães Rosa e a tradução (Depoimento de Guimarães Rosa a Mary Lou Daniel). *Nonada*, Porto Alegre, n. 10, p. 157-166, 2007.

HERMANS, Theo. *Translation Studies and a New Paradigm*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. *As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para teoria da tradução*. Cadernos de Letras (UFRJ) n. 27, dez. 2010 Acessado em: [http://www.lettras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100\\_marcia.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100_marcia.pdf)

MUNDAY, Jeremy. *The Relations of Style and Ideology in Translation: A case study of Harriet de Onís*. Actas del III Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Barcelona 22-24 de marzo de 2007. Barcelona: PPU. n. 1, 2008. p. 57-68.

KRAUSE, James Remington. *Translation and the reception and influence of latin american literature in the United States*. Dissertation Submitted to the Faculty of the



Graduate School of Vanderbilt University in partial fulfillment of the requirements for the degree of doctor of philosophy in Spanish and Portuguese. December, 2010. 275 p.

PERRONE, Charles A. A obra roseana na América do Norte: tradução, recepção, crítica e ensino. In: DUARTE, Lélia Parreira *et alii* (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 132-136.

RICÉUR, Paul. *Sobre tradução*. Trad. Patrícia Levelle. Belo Horizonte: UFMG, 2012. 71 p.

ROSA, Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 594 p.

\_\_\_\_\_. *The devil to pay in the backlands*. Transl. James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1963. 494 p.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução & Comunicação. *Revista Brasileira de tradutores*. n.17. São Paulo, 8 p., 2008.

SCHAMBIL, Maria Helena. *Dicionário de expressões idiomáticas da lingual inglesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. 562 p.

WEBSTER, Noah. *Webster's dictionary*. New York: Syndicate Publish Company, 1911. 1196 p.

\_\_\_\_\_. *Webster's new twentieth century dictionary of English language*. 2. ed. Cleveland and New York: The World Publishing Company, 1971. 2129 p.

